

Desdobramentos da virtualidade no psiquismo: Uma leitura psicanalítica

DOI: em atribuição

Vinícius de Melo Batista¹, Daniel Kazahaya²

Resumo: Este artigo tem como propósito expor compreensões acerca da influência que as novas tecnologias virtuais com conectividade à internet, como: tablets, smartphones, computadores, softwares ou aplicativos de comunicação, exercem sobre o sujeito na contemporaneidade, sobretudo em termos de constituição subjetiva e no modo de sofrimento que se apresenta à clínica psicanalítica e na sociedade. Utiliza a teoria psicanalítica – a partir de Freud e de alguns pesquisadores brasileiros – quanto a análise dos fenômenos constitutivos e de sofrimento, unindo ao entendimento de alguns autores das ciências sociais e filosofia sobre o impacto que tais dispositivos provocam na sociedade. Conclui que as tecnologias virtuais modificam a relação do sujeito com o tempo, espaço e com seu próprio corpo, em outras palavras, a virtualidade e suas infinitudes de informações disponíveis proporciona uma possibilidade de vir a ser ao sujeito, sendo influenciado e influenciador dela, potencializando mecanismos psíquicos que podem favorecer ambos os caminhos pulsionais, de vida e de morte.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Virtual; Tecnologia; Contemporaneidade; Sociedade.

DESDOBRAMENTOS DA VIRTUALIDADE NO PSIQUISMO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA

Abstract: This article aims to present insights into the influence exerted by new virtual technologies connected to the internet, such as tablets, smartphones, computers, communication software, or apps, on individuals in contemporary times, particularly concerning subjective constitution and the mode of suffering that emerges in psychoanalytic clinical settings and society. It employs psychoanalytic theory – drawing from Freud and Brazilian researchers – to analyze constitutive phenomena and suffering. It also integrates the per-

¹ Universidade Municipal de São Caetano

² Doutorando ciências médicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

spectives of social science and philosophy authors regarding the societal impact of these devices. The conclusion highlights that virtual technologies alter the individual's relationship with time, space, and their own body. In other words, the virtual realm and its vast array of available information offer the individual a potential pathway to becoming both influenced by and influencers of it, thus enhancing psychic mechanisms that can favor both life and death instincts.

KEY WORDS: Psychoanalysis; Virtual; Technology; Contemporary times; Society.

Introdução

Neste artigo é realizada uma revisão bibliográfica narrativa sobre os impactos das tecnologias virtuais na constituição psíquica e nos modos de sofrimento da atualidade. Para tal, percorremos dois distintos caminhos, que se questionam e se complementam, entre a teoria e clínica psicanalítica, por um lado, e autores das ciências sociais e da filosofia, por outro. Na psicanálise apresentamos as propostas de Freud e de alguns psicanalistas brasileiros como Birman, Costa, Figueiredo, Jerusalinsky, Kovacs, entre outros, para trabalharmos alguns

conceitos como fantasia, desejo e *voyeurismo*. Nas ciências sociais e filosofia trabalhamos como o de Pierry Lévy.

Optou-se por um recorte do objeto de estudo, das influências das tecnologias virtuais, limitando-o aos impactos na constituição subjetiva e ao modo de sofrimento que surgem na clínica psicanalítica atual. Inicialmente será traçada uma concepção do virtual que propõe que este não se opõe a realidade, pelo contrário, muito do que a realidade pode vir a ser está calcado no virtual. Segundo Lévy, (1996) engana-se quem acredita que o virtual se opõe ao

real, o virtual se opõe ao que é atual, dessa forma, o real é algo da ordem do “tenho”, enquanto a virtualidade da ordem do “terás”, em outras palavras, o virtual e real são duas formas de ser. Estamos designando as tecnologias virtuais, como aquelas que tenham conectividade à internet: *tablets*, *smartphones*, computadores, *softwares* ou aplicativos de comunicação. Em um segundo momento, será perpassado a leitura que alguns autores da psicanálise fazem dos aparatos tecnológicos em termos do *voyeurismo*, da fantasia e do desejo e, finalizando, será feita uma análise de como a tecnologia pode estar contribuindo para o surgimento e manutenção de psicopatologias encontradas na clínica contemporânea, tais como os transtornos depressivos, narcísicos, síndrome do pânico, toxicomania, distúrbios sexuais e entre outros.

O virtual como possibilidade de vir a ser

O filósofo e sociólogo Levy (1996), em seu livro “O que é virtual” elucida que a palavra virtual tem a sua origem do latim medieval *virtualis*, que se deriva de *virtus*, que significa força, potência e não em ato. Essa origem etimológica sugere uma significação enquanto “vir a ser”, algo que existe como potencialidade. Nesse sentido o virtual tende a atualizar-se à concretização efetiva ou formal. Um exemplo deste virtual está presente na semente, pois a árvore está virtualmente presente nela. Desta forma, o virtual não se opõe ao real, e sim ao atual, pois tanto a atualidade quanto a virtualidade são apenas duas maneiras diferentes de ser.

O termo ganhou força na atualidade, sendo relacionado a tudo aquilo que está vinculado à rede de internet: relações virtuais, compras virtuais, lojas virtuais, seres virtuais. O conceito acabou por virar sinônimo do que não é concreto. Daquilo que, por uma determinada “supressão” do tempo, do espaço geográfico e do corpo enquanto concretude da existência humana (Menezes, 2014).

Levy considera que uma oposição entre real e virtual é enganosa. Para ele:

No uso corrente, a palavra virtual é empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a “realidade” supondo uma efetuação material, uma presença tangível. O real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria da ordem do terás. (Levy, 1996, p.15)

Sendo assim, considera-se que o virtual tem características próprias que merecem uma investi-

gação particular sobre seus impactos, suas contribuições e problemáticas, principalmente onde se faz mais presente atualmente no mundo permeado pelos aparatos tecnológicos conectados pela rede, espaço esse chamado de ciberespaço.

Para Kallas (2016) o ciberespaço, ou espaço virtual, propicia que pessoas anônimas possam postar e compartilhar ideias, músicas, pensamentos, vídeos, publicar seus livros, coisas das quais seriam impossíveis ou muito difíceis há alguns anos atrás. Esse espaço também possibilita que desconhecidos tenham visibilidade e se tornem celebridades em um espaço curto de tempo, revela e produz talentos. O ciberespaço propicia uma infinidade de possibilidades para o sujeito que dela se utiliza.

De acordo com Nobre e Moreira (2013) o ciberespaço é um ambiente do qual se configura uma

nova forma de realidade: a realidade virtual e seu mundo à parte, este meio se configura como um suporte para o âmbito da ação e experimentação de novas subjetividades. Esse novo contexto nos invade de novas possibilidades, desta forma, o ciberespaço acolhe de uma forma irresistível a nossa subjetividade, nos propiciando verdadeiros voos, ou, no jargão, navegações infinitas.

Entretanto, esse espaço demonstra outra faceta. Segundo Cavalcanti (2014) nenhuma tecnologia é neutra, já que pode afetar a humanidade em algum nível. Os ambientes virtuais são construídos estrategicamente, se tornando cada vez mais complexos e interconectados com o corpo humano, transformando-os rápida e intensamente. Pode-se observar uma constante hiperexposição a qual estes corpos são submetidos transformando grande parte da vida em uma representação quase teatral. Além disso, as novas tec-

nologias virtuais alteram a noção de tempo-espaço e limites pessoais, influenciando, por um lado, numa certa impulsividade e, por outro, na sensação de anonimato.

Quando as relações são feitas no face a face, a pessoa recebe sinais interativos como as expressões faciais, gestuais, ou mesmo a intensidade de respiração, por exemplo, que a ajudam a entender o que ela pode ou não dizer, se ela continua ou muda o rumo da conversa, se ela deve interromper o assunto ou mudar o tom de voz. Quando as relações são feitas nos espaços virtuais, estes sinais e os tempos das interações são modificados, não apenas pela interação com o outro, mas pela qualidade da internet, pelos recursos e “filtros” dos aplicativos e por se estar em dois ambientes físicos ao mesmo tempo, porém, não participa inteiramente daquele que está do outro lado da tela com seus diferentes elementos sensoriais-perceptivos.

A tecnologia virtual, também pode acabar por propiciar um falso sentimento de onipotência e reforçar características narcísicas e agressivas.

As pessoas postam em redes sociais o que consideram o melhor de si, assim como são capazes de expressar, em perfis falsos ou não, o lado mais preconceituoso e agressivo do seu ser. E hoje é cada vez mais comum a exposição pública da morte nas redes sociais (...) O sofrimento também é curtido através da internet. (Kallas, 2016, p. 56)

A ideia de que a nossa sociedade vive um momento de supervalorização do “eu” e, por isso, as pessoas constroem perfis tentando buscar visibilidade. Há uma enorme necessidade de se expor em um grupo virtual. As pessoas apreciam se relacionar e compartilhar aspectos de sua vida particular para os outros, assim como, também há uma grande tendência em se realizar uma espécie de marketing pessoal nas redes soci-

ais, sendo que a Web potencializa esse comportamento. Assim, é verossímil a criação de fantasias e a construção de uma imagem que represente apenas aquilo que gostaríamos de ser (Cavalcanti, 2014).

Os psicanalistas Ceccarelli e Oliveira (2015) pontuam que na medida em que a internet foi se tornando mais presente na sociedade contemporânea, integrou-se totalmente na nossa cultura e transformou-se em um ‘estilo de vida’, onde encontra-se um discurso de é possível que o indivíduo viva tudo aquilo que sempre se quis, ter os melhores amigos possíveis, ter uma profissão totalmente diferente daquela que escolheu, ou seja, ser ‘mais feliz’, realizado todos seus sonhos, de modo, que a realidade não é levada em conta. No computador, o sujeito pode criar um personagem e escolher tudo o que este terá como características, por exemplo, as físicas e psicológicas, seu

sexo, entre outras, e passa a se relacionar com outros personagens nesse mundo virtual do qual desconhece as barreiras da distância.

Para Kowacs há um tensionamento entre o corpo carnal e as possibilidades virtuais de alterá-lo, ela comenta que:

Os gadgets expandem os limites do corpo original e reforçam a fantasia de que é possível redesenhá-lo. A corporalidade e o caráter animal do corpo desaparecem no cyberspace, e o indivíduo transforma-se em um ser virtual, sem vísceras, secreções ou odores, que, com um click, faz desaparecer o que frustra ou surgir o que gratifica; o leite virtual jorra no instante em que é desejado. (Kowacs, 2014, p. 634)

Podemos, então, verificar um tipo de alteração do espaço enquanto corporeidade limitada. No campo do virtual, este espaço carnal pode ser modificado, ampliado, reduzido, redesenhado, provocando um tensionamento das

características subjetivas entre a realidade corporal e a fantasia. Para isso, utilizar-se-á da definição de “fantasia” trazida por Laplanche, J & Pontalis, J., (1982/1996, p. 169) em seu Vocabulário da psicanálise: “Roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente”.

A fantasia é um dispositivo psíquico altamente potencializado no ciberespaço, pois fornece uma infinidade de possibilidades, bastando apenas um *click* para que se possam acessar os mais variados conteúdos. De acordo com Nobre e Moreira (2013) que perpassam a obra de Nocolacci-da-Costa e Leitão, para esses dois últimos autores, nesse contexto que o ciberespaço propicia, a fantasia é afetada, pois ela é um dispositivo psíquico que permite ao sujeito

lidar de forma simultânea com suas exigências pulsionais do Isso (id) e com a realidade material, atuando como mediadora que surge nesta conflitiva. É nessa tensão gerada entre tais exigências, junto a uma realidade cada vez mais cruel, hostil e desidealizada, que a internet se insere como suporte para uma experiência de prazer imediato, acessível e onipresente. Essas características do ciberespaço fornecem não apenas à fugacidade da fantasia, mas, também à tendência da contemporaneidade ao hedonismo e ao autorreferencialismo, ao lado dos extremos de um individualismo narcísico e alienante.

Mantendo-se ainda nessa linha de pensamento, pode-se observar que esses novos aparatos tecnológicos como, por exemplo, a internet e espaço que tal tecnologia cria, influência e viabiliza a criação de roteiros imagéticos que servirá aos mecanismos da fanta-

sia, e conseqüentemente a satisfação das pulsões do sujeito.

Conforme o pensamento de Nobre e Moreira (2013) a internet, nos fornece uma variedade de conteúdos imagéticos e textuais, esses conteúdos por sua vez nos possibilitam uma gama de roteiros virtuais dos quais podemos escolher e que funcionam como um convite para exercitar esta fantasia. Basta apenas um *click* no *mouse*, para que o usuário encontre o fio pelo qual percorre a trajetória labiríntica do ciberespaço, que funciona como uma Cnossos³ digital.

Diante dessa possibilidade de realização virtual das mais variadas fantasias e desejos, com destacada predominância da utilização da imagem há uma facilitação e convocação para a

³ De acordo com Nobre e Moreira (2013, p. 287) “Cnossos foi a cidade cretense onde o Rei Minos mandou construir um labirinto gigantesco, habitado pelo minotauro, ser híbrido mitológico que aterrorizava os habitantes e exigia sacrifício humano”.

escopofilia, a pulsão *voyeur* que encontra um vasto campo para se realizar.

Voyeurismo: A pulsão escopofílica na virtualidade

Se por um lado o ambiente virtual facilita que a pulsão siga um caminho da fantasia, da construção imaginativa e da exposição narcísica, por outro lado, pela bipolaridade da satisfação da pulsão, ela também pode favorecer a exposição e ao *voyeurismo*.

O *voyeurismo* encontra um campo amplamente fértil dentro do ciberespaço. Contudo, antes de clarificar como o ciberespaço pode vir a facilitar e potencializar a pulsão escopofílica, é preciso antes de qualquer coisa clarificar,

para esclarecer o que seria tal ideia. Freud a descreve em seu texto *Sobre os Três Ensaios da Teoria da Sexualidade* de 1905.

A escopofilia é o prazer de ver, sendo que, este estaria presente na maioria das pessoas normais, pois é através desse caminho da impressão visual que se desperta a excitação libidinoso. O olhar torna-se perversão apenas: quando se restringe a genitália; quando se liga à superação do asco (o *voyeur* – espectador das funções excretórias) ou quando suplanta o alvo sexual normal, em vez de ser preparatório a ele (Freud, 1905/1996, p. 148).

Para Muribeca (2009) o *voyeurismo* tem como característica o de olhar indivíduos, esses sujeitos que o *voyeur* observa comumente são estranhos, estes nem suspeitam que sendo observados, principalmente quando estão nus, se despindo ou em atividade sexual. Essa observação praticada tem como finalidade a obtenção de excitação sexual, contudo, não é

tentada qualquer atividade sexual com a pessoa observada.

Se o *voyeur* é o sujeito que adquire prazer no olhar, as novas tecnologias acabam por se tornar um campo fértil para o escopofílico, possuindo um vasto campo para a obtenção de sua satisfação. De acordo com Mallmann (2016) com o desenvolvimento dessas tecnologias que tem como base o visual, sendo capaz de captar imagens, desde o mais banal ao mais íntimo, do macro ou micro realidade, visível ou invisível ao olho nu, o acesso a esses aparatos transformou nossa vida em um *Big Brother*. Pois da mesma forma que somos observados, gostamos de observar o mundo, naquilo que tem que se tem de mais belo e abjeto, humano ou cruel, banal ou espetacular, público ou privado. No aspecto do privado destaca-se a cena sexual. Essas novas tecnologias que são necessárias apenas um simples toque de dedo, é por si só um grande potencializador

do *voyeurismo*, como se sabe bem, pulsão está presente em todos nós.

O ciberespaço é um mundo de infinitas possibilidades para o sujeito contemporâneo, essa tecnologia pode fornecer um acesso ilimitado de conteúdo, sendo este o mais variado possível, indo desde a banalidade e até as fantasias mais perversas e inimagináveis pelo ser humano.

Observa-se que o *voyeur* através da internet pode espiar a aquilo que é de mais íntimo do ser humano. Tendo a sua disposição as mais tropes das perversões, que retratada as mais variados fantasias indo desde a prática simulada de relações incestuosas de mãe-filho, pai-filha, entre irmãos, cenas de *voyeurismo*, sexo grupal, cenas sadomasoquistas de casais ou grupais, zoofilia, pedofilia, etc. Pois como Freud já nos alertou a pessoas que não precisam de um objeto real para a realização se-

xual, bastando-lhes apenas a fantasia (Mallman, 2016).

Este tipo de vivência do virtual altera a percepção do si-mesmo e o modo de satisfações das pulsões. Diante de tamanho impacto sobre a subjetividade e das relações de prazer e desprazer, decorre daí as influências que a vivência virtual exerce sobre as formas de sofrimento encontradas cotidianamente na clínica psicanalítica, assunto que passamos a abordar no próximo tópico.

Influência da virtualidade nos modos de sofrimento da atualidade

Quando se pensa em psicanálise, devemos levar sempre em consi-

deração a subjetividade da época em que ela está submersa. De acordo com Figueiredo (2007, p, 85) “não se pratica psicanálise no vácuo cultural e histórico e muito menos contra as forças da história (...) é preciso apoiar-se nos fenômenos e processos da vida – vida cotidiana – para operar alguma eficácia”. Pensando sobre esta perspectiva, devemos refletir sobre as mudanças ocorridas na sociedade e conseqüentemente seu efeito na instituição psíquica.

O mundo perdeu a referência simbólica do pai. Vivemos numa sociedade de risco, onde as figuras paternas e do soberano já não protegem mais. Ninguém conta mais com a proteção do Estado, e o homem tem que aprender a viver de forma desamparada e a correr riscos (...) saímos de uma relação de verticalidade para uma horizontalidade em rede. A sociedade pós-moderna é caracterizada por fragmentação, falta de unificação e simbolização, que deixaram as pessoas entregues às suas próprias intensidades, sem controle,

entregues a excessos de excitações corpóreas sem encontrar mediadores simbólicos que delas deem conta, excitações que as ultrapassam e são descarregadas no corpo ou na ação (Kallas, 2016, p.58).

A sociedade pós-moderna além da perda do referencial simbólico da figura do pai, figura esse que está de em declínio, da diminuição da capacidade simbólica, além dessas características a sociedade contemporânea também é marcada profundamente pela questão narcísica.

As patologias descritas como da pós-modernidade, são influenciadas diretamente por esse novo *modus operandi* da atualidade, sendo a sociedade atual pautada sempre sobre a figura do eu (narcísico), não é de se espantar que a produção e expressão dos sintomas estejam ligadas de forma direta sobre a funcionalidade egóica.

Segundo Birman (2000/2017) as *psicopatologias da pós-modernidade*, se privilegiam de determinadas características de funcionamento psicológico, características sempre pautadas sobre o fracasso do indivíduo em realizar a glorificação de seu eu e a estetização da existência que está em pauta. Nos últimos vinte anos algumas patologias receberam um lugar de destaque em pesquisas sendo estas, as *depressões*, a *síndrome de pânico* e as *toxicomanias* (grifos do autor). O que define as psicopatologias da pós-modernidade que se concentram no fracasso do eu na participação da cultura do narcisismo. O deprimido e o panicado, não conseguem exercer fascínio de estetização de sua existência, sendo, então, considerado um fracassado segundo os valores que regem a visão de mundo atual. Por meio bioquímicos, psicofármacos ou pelos artefatos tecnológicos o sujeito tenta de forma desesperada acessar e se enquadrar a ma-

gestade da cultura do espetáculo e ao mundo da performance.

O mal-estar se modificou com o desenvolvimento e modificação da cultura, tornando-se um mal-estar diferente daquele descrito por Freud em seus escritos. Como demonstra Júnior (2010) O mal-estar na época do Freud se dava entre o desejo, dos impulsos e a impossibilidade de realização do mesmo, pois o recalçamento estava na base no mal-estar contemporâneo de Freud. Hoje esse mal-estar se de forma diferente, pois a aceleração do tempo e do abuso do referencial narcísico acaba por elevar o mal-estar atual a um declínio do gesto introspectivo, pelo qual o trabalho de inscrição psíquica e ressignificação são mais operantes, ocasionando um empobrecimento daquilo que constitui e alimenta o cenário pessoal.

Uma das questões que é modificada por esses aparatos tecnoló-

gicos e a questão da privacidade. Hoje o que vemos, é que o grau de privacidade tem diminuído na medida em que as tecnologias digitais passam a medir nossas ações no mundo. As pessoas têm se apresentado mais publicamente de forma a atender as expectativas dos outros, a desempenhar um papel significativo no palco que é a vida social (Cavalcanti, 2014).

Essa não divisão de espaço público e privado tem modificado a subjetividade do ser. Para Levisky e Silva (2010, p. 67) “O limite entre o público e o privado está esgarçado e novos modelos estão sendo construídos”.

De acordo com Keen (2012) os indivíduos estão em uma constante exposição, desta maneira acabam por se tornar prisioneiros de um ciclo interminável e de grande exibicionismo, sempre sedentos de atenção, ocupados construindo suas reputações, que

são feitas de forma planejada como, por exemplo, a de benfeitores da humanidade. A vida virtual, ou o que seria essa segunda vida, essa mídia social está se tornando cada vez mais a própria vida.

A partir desta constatação, pode-se ver que, os novos *modus vivendi* do sujeito contemporâneo aliado conjuntamente com as novas tecnologias que lhe perpassam e influenciam podem ser utilizados para a manutenção dessa constante polidez e exaltação do eu.

De acordo como pensamento de Birman (2000/2017) nesta contextualização, a mídia se torna um instrumento fundamental no forjamento e polimento da exaltação de si mesmo pelo indivíduo, que de tudo faz estar sempre presente nos meios de comunicação da massa, em jornais ou televisões. O que impera hoje é a cultura da imagem, sendo esta o correlato da estetização do eu,

hoje o que fundamenta a produção do “brilhareco” social é o esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade. O que predomina é a aparência, o sujeito estatizado em seu eu, vale aquilo que parece ser mediante as imagens que produz de si mesmo que apresenta a cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica.

Segundo o pensamento de França (2016, p. 139) “À tecnologia e às mídias sociais tem possibilitado, não resta dúvida, uma variedade de transformações, promovendo modificações nos modos de ser e estar no mundo”.

Para Jerusalinsky (2017) as redes sociais têm ocupado um lugar parecido ao espelho da rainha dos contos de fada da branca de neve, pois produz e faz surgir o amor-ódio, ciúmes, inveja e rivalidade consigo mesmo e para com o outro, ao pôr em destaque, nas relações, a chave de montagens

especulares diante das quais se exalta instantaneidade do brilho narcísico e se empalidece de inveja, exercendo desta forma o encantamento e o ódio da rivalidade.

A partir do que foi supracitado, pode-se ver que, essas tecnologias modificam a forma do sujeito se ver e se relacionar para com o outro. De acordo com Levisky e Silva (2010) o desenvolvimento das novas tecnologias e de descobertas que revolucionaram a vida, aproximam os continentes são características da dita sociedade pós-moderna. Por sua vez, todo esse aparato traz consequências e transformação na formação da identidade do indivíduo. Esse mundo de informação e comunicação instantânea, difusão de conhecimento e trocas de experiências atingem e modificam o sujeito “ser e estar” de forma substancial. A ocorrência de mudanças no espaço, no tempo, com o corpo, com a sexualidade, as mudanças na expressão da lin-

guagem sendo esses alguns dos fatores que afetam à vida do sujeito contemporâneo.

Esses aparatos todos que nos cercam e que nos bombardeiam de informação, consequentemente modificam a nossa constituição psíquica. Para demonstrar essa modificação que pode ocorrer, a autora Julieta Jerusalinsky relata um caso clínico que, demonstra o impacto desses aparatos tecnológicos sobre o psiquismo. De acordo com o relato de Jerusalinsky (2017, p. 31) que diz:

Nenhuma outra imagem revelou com tanta clareza para min, essa questão do excesso sensorial da era digital em que vivemos conectados a aparelhos quanto o impactante desenho quem um paciente adolescente fez no consultório: o corpo de um menino nu com um cordão umbilical em cuja ponta havia um *plug* conectado à tomada, pela qual estava levando um choque que o fazia bruscamente desconectar-se, seu desenho certamente dizia algo dele, mas não

de forma isolada e individual, e sim “conectada” ao social. Esse desenho certamente retrata um modo de sustentar as relações mais íntimas e viscerais em nossos tempos; tempos nos quais comparecem *intoxicações eletrônicas*.

Além da exposição em excesso que nos intoxica e da qual o indivíduo fica por muitas vezes aprisionado, em um círculo interminável e que modifica a nossa relação conosco e com o outro, essas novas tecnologias também tem como características marcantes a rapidez, a flexibilização do sujeito, o pragmatismo e etc. Segundo o pensamento de Costa (2011) os avanços tecnológicos conduzem também a uma supervalorização de qualidades como rapidez, pragmatismo, eficiência, assertividade etc. mesmo que essas características possam ser em diversas situações desejáveis, elas vão a desentorno da meditação, do poetizar e do

criar, processos avessos à pressa e às coisas assertivas.

Essa aceleração da experiência e todas as exigências que o sujeito hoje é submetido na pós-modernidade, consequentemente as tecnologias acabam potencializando, acarretam no indivíduo uma incapacidade do pensar e um empobrecimento na capacidade de simbolização, integração e elaboração.

A aceleração da experiência, características das atuais demandas do trabalho, do consumo e das exigências de excelência para o sucesso, impede o tempo necessário ao sonhar, coartando, por sua vez, qualquer possibilidade de integração do sofrimento e de elaboração da dor. Esta se torna manipulável, pela fuga para o “admirável mundo” virtual (Birman, 2012, p. 67).

Conforme Nicolaci-da-Costa (2002) a revolução da internet assim como a revolução industrial gerou uma transformação da

organização da sociedade. Essa revolução da internet fez surgir uma nova forma de organização do social (virtual e em rede) e o novo espaço (imaginário, contudo, é vivido como concreto) que acabando por ocasionar uma alteração não apenas no comportamento do indivíduo, mas principalmente na constituição psíquica dos homens, mulheres e crianças.

Além dos novos comportamentos, alguns analistas da ordem digital abordam, novos problemas e conflitos psicológicos como, por exemplo, o vício na internet; o estresse tecnológico; o excesso de informação; o sexo virtual e sua relação com o atual desregramento social; o isolamento e a depressão; os conflitos e os prazeres que a vida online oferece e das novas formas de defesa. Outro aspecto observado desse novo modelo subjetivo que é diferente do século XX, hoje teríamos uma subjetividade fragmentada, es-

quizofrênica e superficial. (Nicolaci-da-Costa, 2002).

Considerações finais

Observou-se que as novas tecnologias exercem uma influência no psiquismo, se interligando com o imaginário, com o mecanismo da fantasia, permeada pelo par da pulsão voyeur-exibicionista, pois basta apenas um click para acessar de forma instantânea qualquer tipo de conteúdo, de qualquer lugar do globo. Essa instantaneidade também modifica a experiência de prazer do sujeito contemporâneo acabando por viabilizar novas formas de experimentação de subjetividade. Essa nova experimentação modifica a própria noção de tempo-espaço, pois a virtualidade propicia a possibilidade de quebra dos próprios limites corporais e imagéticos. Todavia, todas essas

possibilidades que são dadas aos sujeitos, que apresentam “infinitas” possibilidades de vir a ser, podem acabar se tornando aprisionados por essa mesma ausência de limites, ou seja, o sujeito pode vir a ser perder nas próprias infinitudes de possibilidades de vir a ser, sendo desta maneira um pa-

radoxo a ser pensado. O artigo não teve como pretensão esgotar as dúvidas sobre a temática em questão, mas observar desdobramentos que a virtualidade pode viabilizar, como pode-se observar, essa virtualidade pode ocasionar desdobramentos patológicos sobre o psiquismo.

Referências

Birman, Joel. (2012) O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Birman, Joel. (2017). Mal-estar na atualidade: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Cavalcanti, Marineuma de Oliveira Costa. (2014). O facebook como espelho de narciso: estratégias discursivas de construção de sentidos em redes sociais. In: XVII Congresso Internacional da ALFAL, 2014, João Pessoa - PB. Estudos Linguísticos - ANAIS. João Pessoa - PB: Editora Ideia, 2014. v. Único. 3701-3710. Recuperado em: <http://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0806-1.pdf>.

Costa, R. M. (2011) A civilização da imagem e os vícios eletrônicos. *Reverie, Revista de psicanálise*, v. IV, p. 201-210.

Figueiredo, Luís Claudio. (2007). Confiança: a experiência de confiar na clínica psicanalítica e no plano da cultura. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(3), 69-87. Recuperado em 12 de fevereiro de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000300008&lng=pt&tlng=pt.

França, Rafaela Mota Paixão. (2016). O adolescente na rede e a rede no adolescente: reflexões sobre as conexões virtuais e suas incidências na sub-

jetividade. *Estudos de Psicanálise*, (45), 139-144. Recuperado em 12 de fevereiro de 2021, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000100014&lng=pt&tlng=pt.

Freud, Sigmund. (1996). Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S, Freud, Edição Standard brasileira das obras completas psicológicas de Sigmund Freud (J. Salomão, Trad., Vol. 7, pp. 119-231). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1905).

Jersusalinsky, Julieta., Baptista, Ângela. (Orgs). (2017). Que rede nos sustenta no balanço da web? – o sujeito na era das relações virtuais. Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma.

Júnior, Ronis. Magdaleno. (2010). Os novos ritmos do século XXI e a clínica psicanalítica contemporânea. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(2), 101-109. Recuperado em 12 de fevereiro de 2021, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2010000200012&lng=pt&tlng=pt.

Kowacs, C. (2014). Prática psicanalítica, tecnologia e hipermodernidade. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 21(3), 629-643, dez, 2014. Recuperado em: <http://revista.sppa.org.br/index.php/RPdaSPPA/article/view/135>.

Keen, Andrew. (2012). Vertigem digital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro: Zahar.

Kallas, Marília Brandão Lemos de Moraes. (2016). O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. *Reverso*, 38(71), 55-63. Recuperado em 12 de fevereiro de 2021, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&tlng=pt.

Laplanche, Jean; Pontalis, Jean-Bertrand. (1996). Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.

Levy, Pierry. (1996). O que é o virtual. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34.

Levisky, Ruth Blay, & Silva, Maria Cecília Rocha da. (2010). A invasão das novas formas de comunicação no setting terapêutico. *Vínculo*, 7(1), 63-70. Recuperado em 12 de fevereiro de 2021, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902010000100008&lng=pt&tlng=pt

Menezes, Petruska. (2012). O virtual, o homem e a psicanálise. *Revista de Psicanálise Reverie*, 5(1), 01-09. Recuperado em: <

<http://online.fliphtml5.com/rtvku/qkfm/#p=1>.

Muribeca, Mercês. (2009). As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam. *Estudos de Psicanálise*, (32), 117-128. Recuperado em 14 de fevereiro de 2021, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100014&lng=pt&tlng=pt.

Mallmann, Cleo José. (2016). Escopofilia: De que se alimenta o mundo virtual?. *Estudos de Psicanálise*, (46), 45-53. Recuperado em 14 de fevereiro de 2021, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000200005&lng=pt&tlng=pt.

Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. (2002). Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 193-202. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000200009>

Nobre, Márcio Rimet, & Moreira, Jacqueline de Oliveira. (2013). A fantasia no ciberespaço: a disponibilização de múltiplos roteiros virtuais para a subjetividade. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 16(2), 283-298. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000200007>

Oliveira, Gessé Duque Ferreira de, & Ceccarelli, Paulo Roberto. (2015). Realidade virtual v. realidade psíquica. *Estudos de Psicanálise*, (44), 101-107. Recuperado em 14 de fevereiro de 2021, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372015000200011&lng=pt&tlng=pt

Recebido em: 27/04/2022

Aprovado em: 17/11/2023